

**Não  
acredito  
no  
eco  
dos  
trovões**

BEI DAO

tradução

**Yao Feng, Huang Lin,  
Manuela Carvalho e José Luis Peixoto**



Bei Dao: como ilha do norte  
e do noroesteamento — 5

Um buquê — 15

A próxima árvore — 16

Não — 17

Viajante do Oriente — 18

Festival da lua — 19

Habitado — 20

Fevereiro — 21

Flor de cinco cores — 22

Descanso — 23

Olá, montanha das  
flores(1972-1978) — 24

O sonâmbulo de agosto — 25

Junho — 26

Cantor da meia-noite — 27

Castelo antigo — 28

Colegas — 30

Negação — 31

Retorno a casa — 32

Resposta — 33

Nos confins do céu — 34

No caminho — 35

O cobre do verão — 37

Tempo acidentado — 38

Retorno à noite — 39

Notas sobre a Cidade  
do Sol — 40

Insônia — 42

Requiem — 43

Declaração — 44

Estrangeiro — 45

Currículo — 46

Trabalho — 47

Abrir — 48

Luto — 49

Pós-guerra — 50

A chegada — 51

Ramala — 52

Ano novo — 53

Diário de viagem — 54

Sem título — 55

Sem título — 56

Os dias — 57

História da manhã — 58

Estação seca — 59

Espelho — 60

A rosa do tempo — 61

Tangerinas maduras — 62

O retorno — 63

O sonho do porto — 64

Sem título — 65

Sem título — 66

Sem título — 67

Sem título — 68

História de amor — 69

É verdade — 70

Cidade vazia — 71

Quinta avenida — 72

Comemorar — 73

Fim ou começo — 74

Para o meu pai — 77

A história — 79

Lugares antigos — 80

Velha neve — 81

Bilhete de barco — 82

Maçã e pedra firme — 84

Bodisatva — 85

Fosso — 86

Deformação — 87

Línguas — 88

Vamos — 89

O corredor — 90

Passar o inverno — 91

Aproveitar a festa — 92

Paisagem distante — 93

O início — 94

Sotaque — 95

Despertar — 96

Toque do sino — 97

A varanda — 98

Uma noite de chuva — 99

Paisagem acima do  
grau zero — 100

Lâmpada verde — 101

Mapa negro — 102

## Bei Dao: como ilha do norte e do norteamanto

Considerado o poeta chinês mais eminente da atualidade, Bei Dao é uma voz incontornável e a mais representativa da poesia contemporânea chinesa. Na China, tornou-se num ídolo dos leitores da sua geração e posteriores, mantendo sempre viva a memória de como um novo estilo de poesia se pretendia livrar do discurso convencionado pela política, trazendo uma lufada de ar fresco à poesia contemporânea chinesa. No estrangeiro, é lembrado como um poeta dissidente que ousou levantar a voz contra uma época intolerante em que a dignidade humana era menosprezada e oprimida.

A poesia contemporânea chinesa de que aqui falamos é escrita em forma livre e em chinês moderno, sendo habitualmente designada como *Nova Poesia*, precisamente para distingui-la da poesia clássica chinesa, que teve o auge nas dinastias Tang (618-907) e Song (960-1279), mas deixou de ser uma forma dominante desde o início do século passado, devido à revolução social, ideológica e cultural na China, bem como ao difícil trato de suas regras rigorosas, acessíveis apenas a uma elite letrada. A *Nova Poesia* teve origem no chamado Movimento Cultural do 4 de Maio, que aconteceu na década de 1920, com o objetivo de romper com uma tradição cultural estática e decadente por

meio de reformulação da língua chinesa e de introdução de uma nova ideologia pró-ocidental.

Bei Dao, que literalmente significa “Ilha do Norte”, é o pseudônimo de Zhao Zhengai. Nasceu em Pequim, em 1949, ano em que se proclamou a fundação da República Popular da China. Tal como todos os chineses da sua geração, ele viveu o seu tempo de juventude fortemente influenciado pela sucessão de movimentos políticos, dos quais se destaca a Grande Revolução Cultural (1966-1976), realizada em nome da cultura e que causou graves e desastrosas consequências tanto ao país como a milhões de indivíduos. Nesta época de grande perturbação social, a poesia ainda sobrevivia, mas como um instrumento da máquina política já privado da livre expressão. Os poetas, nestas circunstâncias severas, limitavam-se a pintar a máscara da realidade e a elogiar o líder com palavras falsas e ufanas, conforme a poética impregnada pelos chamados “realismo socialista e romantismo revolucionário”. Em 1965, Bei Dao entrou para uma das escolas secundárias mais privilegiadas de Pequim, mas o seu estudo foi interrompido pelo desencadear da Grande Revolução Cultural. O poeta alistou-se nos Guardas Vermelhos, tendo viajado pelo país para apoiar os movimentos de rebeldia revolucionária que ocorriam um pouco por todo o lado. Em 1968, enquanto a maioria dos estudantes, depois de terem completado os estudos secundários, foi obrigada a deixar as cidades rumo ao meio rural onde tinha de trabalhar de mãos dadas com os camponeses para se reeducar, conforme instruções superiores de Mao, Bei Dao foi enviado, felizmente, para uma empresa de construção civil, na qual se dedicou ao trabalho físico por seis anos. Foi a partir deste período que começou a escrever poemas junto com um grupo de amigos com os mesmos interesses, dos quais a maioria também iria se tornar em poetas distintos no futuro. Estes poetas, que não se alinhavam

à estética do realismo socialista, estereotipada pela máquina de propaganda política, liam e aprendiam clandestinamente com poetas estrangeiros cujas obras tinham sido classificadas como “ervas venenosas” durante a Grande Revolução Cultural. Na sequência destas leituras e aprendizagem, começaram a experimentar uma expressividade inovadora, alimentada pela poesia moderna ocidental. Com a proposta de Bei Dao, os poetas fundaram *Jintian* (Hoje), uma revista poética que circulava de forma ilegal e que foi obrigada a encerrar dois anos depois. Embora tivesse uma vida curta, a revista levou muita gente a conhecer a poesia destes escritores, que foi depois rotulada de Poesia Obscura, dado que para aqueles habituados à única e direta manifestação da poesia ortodoxa, este tipo de escrita era considerado demasiado ambíguo e obscuro. Apesar de serem alvo de crítica e polémica, os poetas de *Jintian* tiveram um impacto sem precedentes na poesia contemporânea chinesa, não só pela ousadia de pegar na poesia como arma de intervenção na fase de mudanças sociais, mas também pela tentativa de incorporação das novas tendências poéticas na mesma.

Sendo o membro mais influente dos poetas de Poesia Obscura, Bei Dao escreveu, neste período, uma série de poemas que são estritamente inerentes a uma realidade em que o impacto negativo causado pela Grande Revolução Cultural estava a despertar a reflexão crítica das pessoas, contribuindo para a criação da “poética da política rebelde”, que adotou uma atitude acintosa para denunciar a privação da liberdade e apelar à restauração da dignidade humana. Poemas como *Resposta*, *Fim ou começo*, *Bilhete de barco*, *Currículo*, *Templo antigo* ou *Os dias* entres outros, provocaram uma reação muito entusiástica entre os leitores, estabelecendo cumplicidade com aqueles que tinham vivido como testemunhas ou vítimas numa época de loucura, cegueira e destruição:

*A vilania é o passaporte dos vis  
A nobreza é o epitáfio dos nobres  
...  
Não acredito que o céu seja azul  
Não acredito no eco dos trovões  
Não acredito que o sonho seja falso  
Não acredito que os mortos não se vinguem*

Bei Dao: *Resposta*

Com uma estrutura binária construída na forte tensão discursiva, aumentada pela retórica de repetição, o poeta descreve um quadro histórico no qual se contrastam a nobreza e a vilanagem, a luz e a escuridão, a iluminação e a ignorância... de forma a se exclamar a descrença e a negação, a se refletir sobre a histórica, assim como a se revelar a preocupação com o destino da pátria. Este poema se tornou muito popular junto dos leitores, porém Bei Dao, alguns anos depois de ter começado a sua vida de exílio, mostrou renúncia a ele, argumentando que “tem uma evidente intenção de pregar sermão”. Durante o exílio, ele deixou de escrever os poemas deste tipo em que ainda se escutam ecos de palavras de ordem, retórica frequentemente usada pela poesia ortodoxa. Contudo, este poema já tinha ficado enraizado na memória dos chineses e deve ser entendido no contexto em que se defendia a “poética da política rebelde”.

Num país em que a vida do indivíduo é largamente politizada e a fronteira entre a vida privada e a pública é bastante ambígua, é impossível que um indivíduo tenha uma vida “pura” ou “oculta” de eremita, sem que esta seja influenciada por fatores políticos e sociais. Cada existência individual é uma coexistência com outros, integrada na sociedade que persiste em uniformizar o pensamento e a consciência de todos para que atravessem a praça “a passos de gansos” ou se mantenham imóveis no mesmo lugar antes de receberem ordens, tal como

Bei Dao ironiza no poema *Currículo* através de imagens imbuídas de conotação metafórica:

*Certa vez atravessei a praça a passos de ganso  
Cabeça rapada  
para melhor procurar o sol  
mas numa estação de loucura  
perdi o norte ao me deparar com cabras  
no outro lado da cerca*

Bei Dao: *Currículo*

Mediante uma escrita firme e poderosa, impregnada desde o início pelo espírito rebelde contra a violência, a barbárie e a opressão do poder político ao homem, Bei Dao tornou-se a voz mais sonora e ativa dos poetas da sua época. Em 1989, ele foi proibido de retornar à China após uma viagem para uma conferência em Berlim, em virtude de estar envolvido em movimentos pró-democracia. Começou então o seu exílio e viveu, sucessivamente, na Inglaterra, Alemanha, Noruega, Suécia, Dinamarca, Holanda, França, acabando por ficar a residir permanentemente nos Estados Unidos. Terminou este longo tempo de exílio em 2007, quando foi contratado como professor catedrático pela Chinese University of Hong Kong. Presentemente, já está reformado mas ainda é responsável pela organização do *International Poetry Nights in Hong Kong*, um dos festivais de poesia mais importantes do mundo. Desde 2006, foi autorizado a voltar à China, onde tem publicado várias obras de poesia e crônicas.

No período de exílio, os poemas de Bei Dao conheceram uma mudança viral, seja na temática seja no estilo, girando mais em torno de meditação sobre a arte de poesia, língua, saudade, separação e interrogação relativa à história e à existência humana. Deixou de realçar a posição política, pois nunca gostou de ser classificado como “poeta dissidente”, uma etiqueta que



lhe foi atribuída ao ser mencionado pela comunicação social ou crítica do Ocidente. Enquanto atenuava a sua tendência política, procurava escrever “poemas que se mergulham mais para o fundo, a explorar o percurso interior e que são mais complexos, mais difíceis de compreender”, como ele próprio frisa. Esta mudança relaciona-se, por um lado, com a sua nova compreensão sobre a poesia, julgando que ela própria não deve ser um conceito de conotação política, e, por outro lado, com a sensação de desapego que ele sentia como estrangeiro em terras alheias, o que resultou na expressão poética mais nebulosa e evocativa, direcionada para captar e registrar o que sentia no interior da alma e pensava na mente. Bei Dao rejeita a ligação direta e inevitável entre a poesia e a política, defendendo que “a verdadeira resistência pode ser precisamente a de desprender a linguagem poética da política, do discurso nacional e do círculo vicioso da história”.

O exílio significava viajar regularmente com ajustamento ao fuso horário, viver no estado marginal em diferentes países, bem como conviver com línguas estrangeiras. Todavia, o maior impacto provocado ao poeta foi o do exílio da palavra, tal como ele próprio confirma: “o exílio da palavra já começou.” No poema *Línguas*, escrito antes de deixar o seu país, Bei Dao expressou a sua dúvida em relação à função das línguas: *A criação de línguas / não aumenta nem alivia a dor do silêncio do ser humano*” (Bei Dao: *Línguas*). Efetivamente, a julgar pelas palavras do poeta, para um exilado obrigado a viver no estrangeiro, a língua materna passou a ser a sua “única bagagem de viagem”. Para resistir ao exílio da palavra em circunstâncias estranhas, Bei Dao persistia em escrever em língua materna, de forma a manter as raízes da sua identidade cultural. No entanto, tal como um dos seus poemas evoca, o poeta tinha de praticar o chinês ao espelho, enquanto o sotaque da língua materna é representado

como a pátria, da qual o autor escutou apenas o eco do medo ao tentar comunicar com ela por telefone:

*A pátria é um sotaque  
Escutei o meu medo  
do outro lado do telefone*

Bei Dao: *Sotaque*

Pode haver várias razões para interpretar este medo, mas a separação da língua materna e da pátria que rejeita o retorno do seu filho constitui certamente um importante motivo espiritual e psicológico do medo. A distância objetiva não só alterou a sua relação com a sua língua materna, como também o levou a refletir na relação que mantinha com a pátria. No entanto, o paradoxo é que o poeta se sentia mais próximo e mais íntimo da língua materna enquanto estava ausente fisicamente da pátria. A ausência conduz o poeta a avançar no interior da língua para marcar uma presença mais intrínseca:

*Só consegue falar depois de encontrar a saída  
do pinhal labiríntico que é a gramática  
pelos degraus da escada  
avança no interior desta língua*

Bei Dao: *Castelo antigo*

Verifica-se que, nos poemas escritos no exílio, a tensão que o poeta tinha mantido anteriormente com o mundo exterior tendia a suavizar-se, sendo substituída pela tensão atribuída à linguagem poética. Mesmo assim, ele não era um poeta fechado na torre de marfim, antes continuava atento e vigilante à realidade sobre a qual fazia observações ou intervenções mediante reflexão poética, tal como ele escreve em *Ramala*, um poema que resultou da sua visita por esta cidade palestina

onde ainda se lançam as sementes da morte e se figura a raiva do vento na árvore de resistência:

*Em Ramala  
a morte lança sementes no meio-dia  
para florescer na minha janela  
A árvore da resistência é a versão original  
do raivoso tufão*

Bei Dao: *Ramala*

A vida de exílio aumentou a dose de saudade que o poeta sentia da sua terra natal, enquanto o regresso era uma ocasião para ele reencontrar o passado que já não existia, rever a relação com a terra natal e refletir sobre o sentido da sua própria existência. Em 2001, o pai de Bei Dao estava gravemente doente e o poeta conseguiu obter autorização oficial para voltar a Pequim e visitá-lo. Na viagem, escreveu o poema *Mapa Negro*, pelo qual expressou não só a reconciliação com o pai que já tinha os dias de vida contados, como também a desilusão de perder a cidade que tanto possuía no seu tempo de juventude e deixou de ser sua. Assim, o reencontro não passa de um novo ponto de partida para novas despedidas:

*Regressei — reencontros  
são sempre menos do que despedidas  
apenas menos um*

Bei Dao: *Mapa Negro*

Sendo um poeta altamente respeitado na China e vastamente conhecido e renomado a nível internacional, Bei Dao tem poemas e crônicas já traduzidos para mais de vinte línguas, mas ainda é pouco conhecido no mundo português. Conforme pesquisa realizada por Huang Lin, até agora podem ser encontrados apenas dez poemas traduzidos por Yao Feng e Regis Bonvicino, incluídos na antologia *Um Barco Remenda o Mar*

(Martins Fontes, 2007), e cinco poemas traduzidos por Hu Xudong, recolhidos na revista *Poesia Sempre* (2007). Em relação aos estudos acadêmicos, não se encontra mais nada senão um artigo assinado por António José Bezerra de Menezes Júnior, que analisa a tradução do poema *Resposta*, publicado na revista *TradTerm* (18/2011.1). Sendo assim, a tradução e publicação desta antologia abre uma porta para os leitores de português conhecerem e estudarem a poesia deste grande poeta chinês. Contudo, é de lembrar que Bei Dao se mantém atento aos poetas dos países de língua portuguesa, tendo convidado, através de recomendação minha, Regis Bonvicino, Fernando Pinto do Amaral, Nuno Júdice e Ana Luísa Amaral para participarem no *International Poetry Nights in Hong Kong*, tendo cada um deles uma antologia de poemas traduzidos para chinês e inglês, apresentada aquando da realização do evento.

A tradução da antologia poética de Bei Dao faz parte do meu projeto de investigação *Chinese Literature in Portuguese: Research, Translation and Anthology*, subsidiado pela Universidade de Macau, instituição à qual agradeço pelo apoio e compreensão que permitem a finalização do projeto. Bei Dao, amigo de longa data, concedeu os direitos de autor para a tradução e publicação dos seus poemas no Brasil, pelo que lhe estou muito grato. Também tenho de agradecer a Huang Lin pela primeira tradução dos poemas, à Professora Manuela Carvalho pela participação ativa na discussão e revisão à tradução, ao poeta José Luís Peixoto pela revisão literária dos poemas, e, por último, à Editora Moinhos por ter aceitado a publicação da obra de Bei Dao.

Uma palavra sobre a tradução: na qualidade de investigador do projeto, convidei Huang Lin, estudante de doutoramento da Universidade de Macau, para efetuar a primeira tradução dos poemas a partir do chinês com versões em inglês como

referência, e depois nós três, Huang Lim, Professora Manuela Carvalho e eu, efetuamos muitas reuniões para discutirmos a tradução dos poemas. Foi um trabalho difícil, visto que existe sempre, em qualquer poema, o que é traduzível, o que é intraduzível e o que se rejeita a ser traduzido. Por fim, enviamos os poemas traduzidos a José Luís Peixoto para a realização da revisão literária e, depois, fiz uma leitura cuidadosa dos poemas revistos, comparando-os com os poemas originais.

Como expressão e suporte da cultura, cada língua tem a sua própria forma de registrar os pensamentos, de descrever o real e o irreal, de simbolizar os sentimentos, o que faz com que o tradutor tenha de servir dois donos: o da língua de partida e o da língua de chegada, sendo este último, o leitor da língua de chegada, aquele que acorda a tradução com a sua leitura. Por isso, desejamos sinceramente receber os seus pertinentes comentários, as suas críticas construtivas e as suas valiosas sugestões. No fundo, cada tradução pode ser considerada como um “manuscrito” sempre à espera de ser aperfeiçoado.

**YAO FENG**

25/12/2021

## Um buquê

Entre mim e o mundo  
és uma baía, uma vela  
as pontas fiéis de uma corda  
És uma fonte, o vento  
um grito agudo da infância

Entre mim e o mundo  
és uma moldura, uma janela  
um jardim coberto de flores selvagens  
És um fôlego, a cama  
uma noite acompanhada por estrelas

Entre mim e o mundo  
és um calendário, a bússola  
um fio de luz deslizando nas trevas  
És um currículo, um marcador de livros  
um prefácio escrito no fim

Entre mim e o mundo  
és uma cortina de tule, a bruma  
uma lamparina que ilumina o sonho  
És uma flauta, uma canção de silêncio  
pálpebras semicerradas esculpidas na pedra

Entre mim e o mundo  
és um abismo, uma lagoa  
um precipício a cair  
És um cerco, um muro  
um emblema eterno no escudo

## A próxima árvore

De onde chega o vento?  
Contamos os dias e as noites que passam  
no interior das sementes de papoila

Uma nevasca espalha mentiras  
ditas por certa corrente de ar  
A caixa de correio desperta  
cartas que já significam outra coisa  
A estrada dirige-se para além da história  
e retiramos as antigas recordações  
para amarrá-las na próxima árvore

Venham, bárbaros,  
juntem-se a esta lenda  
Este momento reservado já floresceu  
Chamas humildes  
transformam-se em tigres na terra alheia

Por todos os cantos viajamos  
partindo sempre da próxima árvore  
e regressamos apenas para nomear  
a tristeza do caminho

## Não

Em breve, a solução conhecerá  
o calendário, o brilho da mentira  
já se reflete no rosto dele

Perto do esquecimento  
perto da narrativa do campo  
para entrar na pátria: palavra  
plena de desespero

Grãos de trigo redondos  
ou lágrimas maduras  
a solidão mais fiel desta noite  
indica-lhe o caminho

Ele diz não  
aos dias tagarelas  
que se sucedem



## Viajante do Oriente

Tomo o café da manhã com pão, compota, manteiga  
e chá, observando pela janela os pombos redondos  
e a gente que se demora em volta  
como no aquário

Subo por bolhas de ar

No fim do espetacular sucesso  
quatro potros malhados esperam roer aveia:  
a alegria do seu tempo

Subo por aplausos estrondosos

No verão esmagado pela escavadora  
troquei olhares com um estranho  
O deus da morte é um fotógrafo furtivo  
Utiliza o olhar de alguém  
para escolher o melhor ângulo

Subo pelas aspirações do estranho

Com o rosto deformado  
o ciclista falhou a travagem e retirou-se do pelotão  
como um dedo da mão a tocar piano

Subo pela melodia

Alguém adormeceu à espera do comboio  
Começou a viagem depois de chegar ao destino  
O telefone responde:  
grave a sua mensagem após o sinal

## Festival da lua

Amantes com caroços na boca  
fazem votos, regalam-se  
até que o bebê dentro da água  
espreitando seus pais pelo periscópio  
nasça

Um visitante inesperado bate à porta  
com determinação de adentrar  
na profundidade das coisas

Árvores aplaudem

Ó, espere, a lua cheia  
e a cartografia desassossegam-me  
A minha mão folheando  
mapas com significados obscuros  
me deixa sentado na escuridão  
por mais algum tempo, como  
se estivesse sentado  
no coração de um amigo

Esta cidade parece um convés  
ardente no mar gelado  
Pode salvar-se? Sim, já se salvou  
Enquanto a torneira chora a fonte  
gota a gota

## Habitado

Habitado a que me acenda o cigarro  
Com as faíscas bailando, pergunta sempre  
adivinha, o que queimei?

Habitado a que cante baixinho sentada na proa  
Os remos batem na água, quebram as luzes do sol na bruma  
Cansada, arrasta passos caprichosos  
para evitar o lugar onde lembraria os nossos sonhos antigos  
Corre ao meu lado, enquanto os seus cabelos  
saltitam pelos ombros e ri despreocupada

Habitado a que me chame em voz alta no vale  
e escute os nossos nomes ecoarem brincando  
Com o livro ao colo, levanta questões novas  
Amuada, escreve as respostas na palma da mão  
No inverno, sob o azul do candeeiro da rua  
aconchega-me o seu bafo no pescoço

Sim, já estou habituado  
Faz soar incêndios  
para queimar a escuridão